

A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO ACHAR NO PORTUGUÊS DO BRASIL SOB UM PONTO DE VISTA DIACRÔNICO

Gabriela Loureiro dos Santos

Ludmila Fonseca

Meiriele da Cruz Pereira ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise diacrônica do processo de gramaticalização do verbo *achar* para determinar em que estágio desse processo ele se encontra e quais características apresenta. Para sustentar esta pesquisa, os parâmetros de Lehmann (2002) foram aplicados nos dados, assim como foi usado como referência o trabalho de Casseb-Galvão (1999 e 2000) sobre a gramaticalização desse mesmo verbo. Na presente pesquisa, foram analisadas três sincronias do português: Arcaico, Moderno e Contemporâneo, num total de 52.626 palavras. Após o mapeamento e a classificação das ocorrências, a partir das formas apontadas por Casseb-Galvão (2000), os parâmetros de Lehmann (2002) foram aplicados nos dados encontrados. Três acepções desse verbo foram encontradas no *corpus*: *achar*₁, verbo pleno, *achar*₂, verbo modal-epistêmico, e *achar*_{2'}, a forma reduzida de *achar*₂. Este trabalho permitiu atestar que o verbo em questão sofreu um processo de gramaticalização, mas que este é ainda incipiente. Foi estabelecido, também, um *continuum* de mudança do verbo. A perspectiva diacrônica permitiu que estas conclusões fossem alcançadas, porém, uma perspectiva sincrônica permitiria identificar outros e novos usos deste verbo, aparentemente em início de gramaticalização no português contemporâneo, que não foram encontrados no *corpus* selecionado para esta pesquisa.

Palavras-chave: gramaticalização, verbo "*achar*", diacronia.

¹ Graduandas em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG. Estudo desenvolvido sob supervisão da prof. Sueli Coelho na disciplina de graduação *Análise de fenômenos da gramaticalização* no segundo semestre de 2011. E-mails: gab.loureiro@gmail.com, ludbh@yahoo.com.br, meirielecp@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O verbo *achar* no português do Brasil tem se apresentado com frequência, não somente como um verbo pleno, sinônimo de *descobrir*, mas também em sua forma modal epistêmica, isto é, quando o falante expressa crença ou opinião em relação a algo. O verbo *achar* é também indicativo do comprometimento ou não do falante frente ao que foi falado (cf. CASSEB-GALVÃO, 1999).

Ao aplicar o verbo *achar* no seu sentido concreto, o falante o usa como sinônimo de "descobrir, encontrar, tentar encontrar, procurar" (cf. GALVÃO, 2000) como em, por exemplo: "Eu *achei* esta caneta na rua" (no sentido de encontrar). Já em seu uso epistêmico, o falante exprime um julgamento de valor ou uma dedução sobre algo, por exemplo: "Eu *achei* o filme muito bom" (julgamento de valor). O uso da modalidade epistêmica indica subjetividade, visto que, ao falar de uma situação que está no nível da probabilidade, o falante projeta seu enunciado para um mundo de possibilidades, hipotético. Assim, o verbo *achar*, neste sentido, passa por um processo de "abstratização de significados, os quais são estendidos para mapear conceitos de domínios mais gramaticais" (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 42). Percebe-se, então, que o verbo *achar* sofreu um processo de gramaticalização, pois passou de uma forma menos gramatical para outra mais gramatical, processo que, mais à frente, será melhor explicitado. A explanação feita até aqui foi realizada para ressaltar que, cientes da gramaticalização desse verbo, é ainda desconhecido se essa gramaticalização é recente na língua ou se já está em um estágio avançado.

Para tanto, pareceu conveniente um breve estudo da gramaticalização do verbo *achar* – com base nos *corpora* usados na tese de Coelho (2006) –, para saber em que estágio de gramaticalização este verbo se encontra e quais características ele apresenta. Portanto, foi escolhida uma análise diacrônica, uma vez que se acredita que um estudo diacrônico pode mostrar como uma determinada forma veio a desempenhar uma dada função ao longo dos anos.

Como uma hipótese sobre o processo de gramaticalização do verbo *achar* ainda não foi formulada, justifica-se a elaboração deste trabalho. Apesar de já

existirem pesquisas sobre o tema – a maioria das encontradas estuda o processo de gramaticalização sob uma perspectiva sincrônica –, objetiva-se contribuir com as pesquisas já feitas e entender como aconteceu o processo de gramaticalização do verbo *achar*.

O artigo está organizado como se segue: após essas considerações iniciais, na seção 2, é apresentada a revisão teórica. Na seção 3, após definição da noção de gramaticalização e dos parâmetros adotados, a metodologia utilizada é descrita. Na seção 4, foram analisados os dados coletados e, na seção 5, encontram-se as considerações finais.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Conceito de gramaticalização

Foi Meillet, em 1912, que primeiramente utilizou o termo *gramaticalização*, fazendo referência à passagem das palavras de uma categoria plena para uma categoria gramatical (cf. GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007). O autor fazia diferenciação entre três classes de palavras, as *principais* (substantivos e adjetivos, por exemplo), as *acessórias* e as *gramaticais* (preposições e verbos auxiliares, por exemplo), afirmando que as palavras da segunda e da terceira categorias surgiam a partir daquelas que faziam parte da primeira.

A partir de A. Meillet, outras definições de gramaticalização surgiram, como a de J. Kurilowicz, que trata da gramaticalização como um processo de morfologização (cf. GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007), e ainda modelos mais atuais como o do linguista Givón (1979 *apud* GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 24), por exemplo, que trabalham com a possibilidade de qualquer material linguístico se gramaticalizar. No presente trabalho, opta-se pelo conceito de gramaticalização apresentado por J. Kurilowicz, uma vez que ele abre a possibilidade de se enxergar a mudança de estatuto das palavras por meio da ideia de [- gramatical] > [+ gramatical] (cf. GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007), e que esta definição é também a assumida

por Lehmann (1982), (*apud* GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 70), cujo instrumental de análise será adotado neste artigo.

2.2 Instrumental de análise

Dois estudiosos, Lehmann (1982) e Hopper (1991) (*apud* GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 68), desenvolveram parâmetros de auxílio para a análise dos processos de gramaticalização das formas. Entretanto, esses instrumentais de análise diferem-se em relação a seus objetivos, uma vez que os de Lehmann (1982) têm como escopo avaliar a autonomia das formas que estão em estágios mais avançados de gramaticalização, e os de Hopper (1991) têm em vista ajuizar as formas com gramaticalização em estados iniciais (cf. GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007). Tendo isso em vista, serão apresentados aqui os critérios de Lehmann (1982), que serão usados como base instrumental no presente trabalho, já que se parte da hipótese que o objeto de estudo é um processo de gramaticalização mais antigo.

Lehmann (2002) propôs seis parâmetros em dois eixos, o paradigmático e o sintagmático. A cada um desses eixos, o autor combina os aspectos de *peso*, *coesão* e *variabilidade*. No eixo paradigmático, no que se refere a *peso*, há o parâmetro da *integridade*, que faz referência ao tamanho da forma em relação à sua fonte fonológica e semântica. Lehmann (2002) considera o decréscimo da integridade semântica como dessemantização e o da integridade fonológica como atrição fonológica. Quanto mais desgaste houver, mais gramaticalizada a forma será. No que se refere à coesão, há o parâmetro da *paradigmaticidade*, em que há a referência à "integração formal e semântica de um paradigma como um todo ou de uma única subcategoria a um paradigma de sua categoria genérica (LEHMANN, 2002, p. 118)"². Isso faz alusão à ligação dos membros de um paradigma em suas relações de oposição e complementaridade. Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) exemplificam comparando o paradigma dos verbos plenos, que seria

² Tradução nossa de: "paradigmaticity is the formal and semantic integration both of a paradigm as a whole and of a single subcategory into the paradigm of its generic category."

mais aberto, indicando menor gramaticalização, ao paradigma dos verbos auxiliares, que seria mais fechado, indicando maior gramaticalização. Por fim, nesse eixo, há a *variabilidade*, que "é a liberdade com que o usuário da língua escolhe um signo" (LEHMANN, 2002, p. 123)³. Isso significa que o falante tem a possibilidade de escolher um signo dentro do mesmo paradigma ou não escolher e deixar não especificada a categoria genérica. É importante, então, saber se há contexto obrigatório para o uso de uma forma ou não para julgar seu grau de gramaticalização.

Já no eixo sintagmático, em relação ao aspecto do *peso*, há o parâmetro do *escopo estrutural*; em relação à *coesão*, a *conexidade*; e, em relação à *variabilidade*, a *variabilidade sintática*. O *escopo estrutural* refere-se ao "tamanho estrutural da construção que ele ajuda a formar (LEHMANN, 2002, p. 128)"⁴, ou seja, ao campo de atuação do item. O *escopo estrutural* de uma forma diminui quanto maior sua gramaticalização. A *conexidade* refere-se ao grau de conexão de um signo com outro signo com que ele tem uma relação sintagmática, tendo em vista que este grau pode variar de justaposição à fusão (LEHMANN, 2002). Quanto mais forte essa conexão, mais gramaticalizado é o item. Finalmente, há a *variabilidade*, que, "no caso de uma forma gramaticalizada, trata-se principalmente da sua mobilidade posicional em relação aos constituintes com os quais entra em construção (LEHMANN, 2002, p. 140)"⁵. Quanto mais fixa for a posição de um item, mais gramaticalizado o item será.

3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

Em primeiro momento, com o objetivo de definir o referencial teórico de sustentação da análise, foram pesquisadas referências bibliográficas sobre o assunto. O escopo desta pesquisa, mais especificamente, era esclarecer o que

³ Tradução nossa de: "Paradigmatic variability is the freedom with which the language user chooses a sign."

⁴ Tradução nossa de: "The syntagmatic weight or structural scope of a grammatical means is the structural size of the construction which it helps to form."

⁵ Tradução nossa de: "In the case of a grammaticalized sign, this concerns mainly its positional mutability with respect to those constituents with which it enters into construction."

estava sendo considerada gramaticalização no presente trabalho, além de definir os parâmetros usados na análise dos dados. Para isto, foram usados, majoritariamente, textos recentes, como, por exemplo, os dois primeiros capítulos do *Tratado Geral sobre Gramaticalização* (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007) e "Uma abordagem teórica da mudança linguística sob a perspectiva da gramaticalização" (COELHO, 2004).

Posteriormente, selecionamos os *corpora* que seriam utilizados na pesquisa. De acordo com Coelho (2006), seria recomendável que a análise fosse diacrônica para que se pudesse entender o percurso de gramaticalização do item, além de ser preciso analisar pelo menos duas sincronias. Além disso, cada uma dessas sincronias deveria contar com *corpora* de tamanhos aproximados entre si. Tendo tudo isso em vista, foram analisadas três sincronias: Arcaico, Moderno e Contemporâneo, num total de 52.626 palavras. Na primeira, foi analisada *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (In: CORTESÃO, 1943), do século XV, e a *Crônica d'el Rei Dom Johan de Fernão Lopes* (In: LOPES, 1977) também do século XV; na segunda, *Cultura e opulência do Brasil na lavra do açúcar. Engenho real moente e corrente* (In: CEHA (1994), do século XVIII, e *Dissertação Primeira* (In: GARÇÃO, 1982), também do século XVIII; já na terceira sincronia, foram analisados *Sarapalha* (In: ROSA, 1946) e *Hoje em Dia* (In: JORNAL HOJE EM DIA, 2000), dos séculos XX e XXI, respectivamente.

Desses *corpora*, foram extraídas as ocorrências do verbo *achar*, as quais foram mapeadas e classificadas a partir das formas de *achar* apontadas pelo trabalho de Casseb-Galvão (2000, p. 75):

- Achar₁: [sn achar sn]: verbo pleno – descobrir; tentar encontrar; procurar
- Achar₂: [sn achar que] [sn]: verbo pleno performativo-modalizador – opinar
- Achar_{2'}: [sn achar o Sadj]: verbo pleno performativo-modalizador, forma reduzida de achar₂
- Achar₃: [sn achar] [que S]: verbo modalizador epistêmico – supor
- Achar₄: [S] achar; achar [S]; [S]achar[S]: elemento modalizador que tem o comportamento semelhante ao dos advérbios modalizadores epistêmicos quase-asseverativos *talvez, provavelmente*.

Os dados foram, então, tabelados de acordo com o número de ocorrências em cada texto e em cada sincronia, e foi calculada em porcentagem a frequência dos itens em cada forma de *achar*. Tendo em vista que foram encontrados um número maior de ocorrências de *achar1* e *achar2*, a análise foi conduzida a partir da passagem da forma plena *achar1*, menos gramatical, para epistêmica *achar2*, mais gramatical.

O próximo passo foi definir os princípios para a análise. Tendo em vista que tanto Hopper quanto Lehmann postulam princípios para constituir um instrumental de análise da gramaticalização, era preciso decidir qual dos instrumentais seria escolhido para conduzir a presente análise. Esta escolha, entretanto, não foi complicada, tendo em vista que Lehmann "propõe critérios para aferir o grau de autonomia de formas em estágios mais avançados de gramaticalização, enquanto os critérios propostos por Hopper visam a formas em estágios incipientes" (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 68). Já que o objeto estudado refere-se a um processo de gramaticalização aqui mapeado a partir do século XV, em primeiro momento acreditou-se ser preciso trabalhar com os parâmetros de Lehmann, já esclarecidos nas reflexões teóricas deste trabalho. A partir desses parâmetros, seria possível entender melhor o processo de gramaticalização do verbo *achar*, saído de sua forma plena (*achar1*) para sua forma epistêmica (*achar2*).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, nesta seção, serão apresentados os dados encontrados em cada sincronia. Em seguida, será feita uma análise comparativa desses dados, para, por fim, expor a aplicação dos parâmetros de Lehmann (2002).

Nos *corpora* selecionados, há dados que comprovam o processo de gramaticalização do verbo *achar*. Foram encontradas ocorrências de *achar* nas suas formas *achar1*, verbo pleno, *achar2*, verbo modal epistêmico, na construção *achar que*, e *achar2'*, neste caso a forma reduzida de *achar2*, com a ausência de *que*.

4.1 Sincronia do português arcaico

Nesta sincronia, foi analisada *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (In: CORTESÃO, 1943), do século XV, e a *Crônica d'el Rei Dom Johan de Fernão Lopes* também do século XV (In: LOPES, 1977), totalizando 17.577 palavras. Foram encontradas 26 ocorrências do verbo achar. Dessas, a maioria, 24 ocorrências, eram da forma “*achar1*”, enquanto que somente duas eram das formas *achar2* e *achar2'*.

A tabela 1, abaixo, contém as ocorrências do verbo *achar* localizadas nessa sincronia.

Tabela 1		
	Nº	%
Achar 1	24	92,3
Achar 2	1	3,85
Achar 2'	1	3,85
Total	26	100

Número e porcentagem das ocorrências no Português Arcaico

Há maior expressividade do verbo em sua forma plena. Isso pode ser justificado pelo conteúdo dos textos selecionados: o descobrimento e o processo de colonização do Brasil. Ainda, outra justificativa poderia ser o fato de o verbo ainda não estar sofrendo um processo de gramaticalização.

Porém, as duas ocorrências de *achar* nas suas formas que não correspondiam a *achar1* apresentaram ambiguidade, como nos exemplos (1) e (2), causada por um possível processo de extensão de significados (analogia), no qual o verbo estudado pode ser entendido tanto como uma acepção de *achar1*, quanto de *achar2*. No contexto que foram encontrados, foi decidido classificá-los como *achar2* e *achar2'*, respectivamente.

- (1) E avudo seu comselho e dada depois reposta ao Comde, *acharom* que se nom podia fazer que fosse com homra do regno e seruiço del-Rey. (Lopes, 1977)
- (2) [...] pero atrra em sy he de mujto boos aares asy frios e etenperados coma os dantre doiro e mjnho por q neste tempo dagora asy os *achauamos* coma os dela / agoas sam mujtas jmfimdas. (CORTESÃO, 1943)

4.2 Sincronia do português moderno

Os textos analisados nessa sincronia foram *Cultura e opulência do Brasil na lavra do açúcar. Engenho real moente e corrente* (In: CEHA 1994), do século XVIII, e *Dissertação Primeira* (In: GARÇÃO, 1982), também do século XVIII. Um total de 18.883 palavras foi analisado nessa sincronia. Isso ocorreu por os textos serem maiores que os das outras sincronias analisadas, e por ter sido feita a opção de não cortá-los. Foram encontradas 14 ocorrências do verbo achar, menos que nas outras sincronias analisadas. Dessas, assim como no Arcaico, a maioria (11 ocorrências) era da forma *achar1*, duas da forma *achar2'*, e uma de *achar2*.

A tabela 2, abaixo, detalha o total das ocorrências encontradas e sua porcentagem.

Tabela 2		
	Nº	%
Achar 1	11	78,58
Achar 2	1	7,14
Achar 2'	2	14,28
Total	14	100

Número e porcentagem das ocorrências no Português Moderno

Nesta sincronia, percebe-se que ainda há predominância do verbo *achar* na sua forma plena, embora o número de casos em que o verbo pode ser interpretado como *achar2* e *achar2'* é maior. Isto pode indicar que a gramaticalização deste verbo possa ter começado a não apresentar as ambiguidades observadas na sincronia anterior a essa época. Contudo esta pesquisa ainda é muito embrionária para afirmar o fato com precisão.

4.3 Sincronia do português contemporâneo

Nesta sincronia, *Sarapalha* (In: ROSA, 1946) e *Hoje em Dia* (In: JORNAL HOJE EM DIA, 2000), dos séculos XX e XXI, respectivamente, foram analisados,

totalizando 16.166 palavras. Foram encontradas 11 ocorrências de *achar*; destas, nove são de *achar2*, uma de *achar1*, e uma de *achar2'*.

Na tabela 3, abaixo, estão os dados contabilizados das ocorrências encontradas nessa sincronia.

Tabela 3		
	Nº	%
Achar 1	1	9,09
Achar 2	9	81,82
Achar 2'	1	9,09
Total	11	100

Número e porcentagem das ocorrências no Português Contemporâneo

Nesta sincronia, vê-se uma predominância clara de ocorrências de *achar2*. Além disso, percebe-se que, entre os *corpora* utilizados nesta sincronia, a frequência do item é maior no texto do *Hoje em Dia*. Ainda que o número de palavras não permita uma resposta conclusiva, é possível afirmar que o gênero do texto do jornal propicia o maior número das ocorrências. A matéria do jornal sobre futebol e política de Minas Gerais tem, em muitos trechos, caráter opinativo, o que claramente traz a maior possibilidade de ocorrência de *achar2*. O caráter literário do conto de Guimarães Rosa, por outro lado, é um campo menos direcionado em relação ao uso do verbo estudo, e, por isso, há nele um equilíbrio maior entre o número de ocorrências de *achar1* e *achar2*.

Entretanto, apesar de os gêneros dos textos escolhidos terem clara influência nos resultados quantitativos da pesquisa, ao ter sido feita uma pesquisa informal na internet, buscando *achar* na primeira e na terceira pessoa do singular, percebe-se que *achar2* é mais frequente no português contemporâneo, o que corroboraria os resultados do presente trabalho.

4.4 Análise comparativa dos dados

Após a análise dos dados de cada sincronia foi realizada uma análise comparativa das ocorrências do verbo achar encontradas nos corpora. Na Tabela 4 é apresentado o total de ocorrências do verbo *achar*.

	Arcaico		Moderno		Contemporâneo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Achar 1	24	92,3	11	78,58	1	9,09	36	100
Achar 2	1	3,85	1	7,14	9	81,82	11	100
Achar 2'	1	3,85	2	14,28	1	9,09	4	100

Comparação do número e porcentagem de ocorrências em cada sincronia

Pode-se notar como aumentou o uso do verbo achar em sua acepção *achar2* no decorrer do desenvolvimento histórico da língua. O número de ocorrências de *achar1* também reduziu, chegando a uma única ocorrência na sincronia contemporânea. Já *achar2'* se manteve estável em todas as sincronias, com poucas ocorrências, excepcionalmente na sincronia Moderna, em que essa forma de achar foi mais frequente que nas outras. Entretanto, com números tão reduzidos, é difícil chegar a uma análise consistente desse dado. Na Tabela 4, fica mais claro como a ocorrência de *achar2* aumentou e como o contrário aconteceu com *achar1*.

4.5 Aplicação dos parâmetros de Lehmann

Nesta seção será detalhada a aplicação dos parâmetros de Lehmann (2002) nos dados encontrados. Dos seis parâmetros, já especificados na seção 2.2 deste trabalho, somente um, no eixo sintagmático, o *escopo estrutural*, não foi aplicável ao processo de gramaticalização aqui analisado. A análise foi feita segundo a ordem apresentada por Lehmann (2002): primeiro os parâmetros no eixo paradigmático, em seguida aqueles do eixo sintagmático.

4.5.1 Eixo paradigmático

O parâmetro de *Integridade* faz referência ao tamanho da forma em relação à sua fonte fonológica e semântica. Nos dados encontrados, a atrição fonológica não é marcada. Não há redução fonológica do verbo achar durante o processo de gramaticalização. Acredita-se que, caso o corpus de análise fosse de gêneros orais, as únicas reduções que poderiam ser notadas seriam aquelas particulares dos verbos e que não se enquadram no processo de gramaticalização, como a perda do R em infinitivos. Porém, nota-se uma redução semântica do verbo, indicativo de um processo de gramaticalização. Nos exemplos seguintes nota-se o esvaziamento semântico do verbo.

- (3) Se imito o estilo, não devo servir-me das palavras dos Antigos, mas achar na linguagem portuguesa termos equivalentes, enérgicos e majestosos, sem torcer as frases, nem adoptar barbarismos. (GARÇÃO, 1982)
- (4) Apesar de jogar no sábado, achava que o time deveria treinar aos domingos ou na pior das hipóteses segunda de manhã, mas também não era ouvido. (*Hoje em dia*, 2000)

No primeiro caso, o verbo se encontra na forma plena, tem uma significação concreta, enquanto que, em (4), o verbo já possui uma referência menos concreta e mais abstrata, levando à conclusão de que há um esvaziamento semântico de um para o outro, porque há uma abstratização de um uso ao outro.

Já o parâmetro da *Paradigmaticidade*, como colocado anteriormente, refere-se à coesão. Entre *achar₁* e *achar₂*, há a alteração gradual nas fronteiras de constituintes, o que leva a propor a participação de *achar* em paradigmas diferenciados.

A forma desencadeadora do processo (*achar₁*) alinha-se aos verbos plenos. Logo, mais fechado. No segundo estágio (*achar₂*), já há um alinhamento com os verbos modais epistêmicos, o que faz do paradigma mais discreto.

- (5) No primeiro tempo eu procurei acertar mais, porém no segundo, *acho que* tinha de ter dado mais apoio ao time. (HOJE EM DIA, 2000)

- (6) Quem observar com circunspeção as tragédias antigas, achará que esta regra foi quase sempre religiosamente guardada. (GARÇÃO, 1982)

No exemplo (6), percebe-se que o verbo *achar* possui um paradigma aberto, pois está em sua forma plena. Já no exemplo (5), o verbo *achar* está mais coeso e permite mais possibilidades de paráfrase, é possível trocar a forma *acho que* por: *penso que, percebi que, entendi que, compreendi que* etc.

No parâmetro da *Variabilidade*, o importante era definir se há ou não contexto obrigatório do uso de uma forma para avaliar o grau de gramaticalização. De acordo com a análise dos dados encontrados, *achar*, quando epistêmico, passa integrar um paradigma restrito e admite diversas paráfrases. *Achar*² pode ser substituído por *pensar, acreditar, considerar, imaginar*, entre outros.

- (7) a. Flávio Lopes acha que seu time rendeu mais no início.
b. Flávio Lopes imagina/acredita/considera/pensa que seu time rendeu mais no início.

4.5.2 Eixo sintagmático

Como foi colocado, o parâmetro *Escopo* não se aplica ao caso aqui estudado, já que é analisada a ocorrência de um verbo cuja forma pede sempre uma oração subordinada. O escopo será sempre toda esta oração, o que impossibilita um resultado que traga reflexões interessantes.

O parâmetro de *Conexidade*, por sua vez, se refere ao grau de conexão de um signo com outro. Como verbo epistêmico, *achar* possui uma posição mais fixa no interior da frase. Ele se relaciona especificamente com o pronome *que*.

- (8) Eu acho até que é bom falar. (ROSA, 1946)
- (9) Não precisamos chegar lá com a obrigação de vencer, achar que somos o bonzão. (HOJE EM DIA, 2000)

Finalmente, em relação ao parâmetro da *Variabilidade*, pode-se concluir que *achar*₂ não permite ser "movido" dentro do sintagma, sua posição é fixa, ao contrário de *achar*₁, como ilustrado nos exemplos abaixo:

- (10) a. [ele] *Acha que* o time trabalha pouco.
b. O time trabalha pouco, [ele] *acha que*.
- (11) a. Eu *acho até que* é bom falar.
b. É bom falar, eu *acho até que*.
- (12) a. [...] mas *achar* na linguagem portuguesa termos equivalentes, enérgicos e majestosos, sem torcer as frases, nem adoptar barbarismos.
b. [...] mas, na linguagem portuguesa *achar* termos equivalentes, enérgicos e majestosos, sem torcer as frases, nem adoptar barbarismos.

Em (12), a alteração da posição do verbo no interior do sintagma não acarreta mudanças de significação do verbo. Já em (10) e (11), o verbo sofre mudança de significado e perde a ligação com o pronome *que*. Caso haja a alteração de posição do verbo *achar* como no exemplo 13 que apresentamos a seguir, o verbo passa a se enquadrar na forma *achar*₄, que Galvão (2000) classificou como outra forma de *achar*, sendo paralela a “provavelmente”, por exemplo:

- (13) Ele vai vir na festa, eu *acho*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu que várias conclusões fossem alcançadas. Entre elas, foi atestado que o verbo *achar* sofreu um processo de gramaticalização, mas que este é ainda incipiente.

O levantamento e a análise dos dados permitiram que fosse estabelecido um *continuum* de mudança com as formas *achar*₁ e *achar*₂. A forma *achar*₂' foi desconsiderada para a construção desse *continuum* por não haver dados suficientes que a enquadrassem nele de maneira satisfatória. Considerando que, quanto maior

a abstração, mais gramatical é o item, foi montado este *continuum*, [-abstrato] > [+abstrato]:

Achar₁ > Achar₂

Apesar de haver ocorrências do item [+abstrato] nas sincronias Arcaico e Moderno, pode-se supor que o processo de gramaticalização de *achar* ainda é incipiente, visto que a forma *achar₂* ainda não é a mais gramatical. De acordo com as formas do verbo achar levantadas por Galvão (2000), existem duas outras possíveis. Apesar de não haver dados nos *corpora* que permitam essa conclusão, essas formas existem na língua portuguesa e são comumente usadas em gêneros orais, que não foram representados nos *corpora* pesquisados neste artigo.

Este estudo de caso mostrou que o processo de gramaticalização estudado é antigo, mas supõe-se que uma abordagem diferente será mais pontual e obterá mais resultados, já que se acredita que o processo ainda se encontra em suas fases iniciais. Um estudo sincrônico, com o uso dos princípios de Hopper (1991, apud GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007), levantaria outras hipóteses que permitiriam a construção de um *continuum* de mudança mais completo, considerando as outras formas possíveis desse verbo. Por exemplo, as formas *achar₁* e *achar₂* coexistem na sincronia contemporânea, assim como novas formas, como a da construção:

(14) Ele vai amanhã, eu *acho*.

Em síntese, o foco sob uma perspectiva diacrônica permitiu que fosse identificado um processo de gramaticalização do verbo *achar*. Porém, o olhar para a perspectiva sincrônica permitiria identificar os novos usos desse verbo, aparentemente em início de gramaticalização no português contemporâneo.

ABSTRACT

This research aims to present a diachronic analysis about grammaticalization process of the verb *achar* (*find, think*) in order to determine at what stage of the process it is included as well as its features. It was applied in the data parameters of the Lehmann (2002), also it was used as base Casseb-Galvão (1999 and 2000) about to grammaticalization of the same verb. For this research were analyzed about 52.626 words in three synchronously manner archaic, modern and Contemporary, thus after the events being mapped and classified, according to Casseb-Galvão (2000), parameters were applied to the data found. Three meanings of this verb were found in the corpus; *achar*₁, full verb, *achar*₂, modal-epistemic, and *achar*₂ ', a reduced form of *achar*₂. This job allowed proving that the verb in question underwent a process of grammaticalization, but this is still incipient. It was established also a continuum of change of the verb. The diachronic perspective allowed these conclusions were reached, however, allow a synchronic perspective and identify other uses of this new verb, apparently in early grammaticalization in contemporary Portuguese, which were not found in the corpus selected for this research.

Keywords: grammaticalization, verb to *find*, diachrony.

REFERÊNCIAS

- CEHA – Centro de Estudos de Historia do Atlântico, 1994. ANTONIL. Cultura e opulência no Brasil na lavra do açúcar.
- COELHO, Sueli M. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa*. 321 f. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Tese [Doutorado em Estudos linguísticos, gramaticalização] Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- _____. Uma abordagem teórica da mudança lingüística sob a perspectiva da gramaticalização. In: REVISTA ALPHA. Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas. Ano 5, n. 5, p. 132-141, nov. 2004. Patos de Minas: Centro Universitário de Patos de Minas, 2004.
- COHEN, Maria Antonieta A. de M. BTLH- banco de textos para pesquisa em lingüística histórica: textos dos séculos XIV ao XX. Edição eletrônica. Fale/UFMG/CNPq, 1999.
- CASSEB-GALVÃO, Vania C. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 170 f. Campinas: Unicamp, 1999. Dissertação [Mestrado em Linguística] Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade de Campinas, 1999.

_____. Mecanismos de análise sociolingüística e sua aplicação a um estudo de caso de gramaticalização. *Revista de estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Fale/ UFMG. v. 9, n.2 p. 73-82, jul./dez. 2000.

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943.

GARÇÃO, Correia. *Obras Completas* (texto fixado, prefácio e notas por António José Saraiva). Volume II, Prosas e Teatro. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982.

GIVÓN, Thomas. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979. In GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria Cecília; CASSEB-GALVÃO, Vania C. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicações*. São Paulo: Parábola, 2007, p.24.

GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria Cecília; CASSEB-GALVÃO, Vania C. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicações*. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, Paul J. *On Some Principles of Grammaticalization*. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; HEINE, Bernd. (orgs.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.59-60. In: GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria Cecília; CASSEB-GALVÃO, Vania C. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicações*. São Paulo: Parábola, 2007, p. 68.

JORNAL HOJE EM DIA. Edições eletrônicas de 02 a 04 de abril de 2000. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/hojedia.cgi>. Acessado em outubro de 2011.

LEHMANN, Christian. *Thought on Grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como *Thought on Grammaticalization: a Programatic Sketch*. Köln: *Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects*, v. 1), 1995 [1982] In: GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria Cecília; CASSEB-GALVÃO, Vania C. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicações*. São Paulo: Parábola, 2007, p. 68 e 70.

_____. *Thoughts on grammaticalization*. Erfurt: Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, 2002.

LOPES, Fernão - *Cronica del-Rei Dom Joham I: Parte Segunda*, p.1-23. Ed. por William J. Entwistle. Lisboa: Imprensa Nacional, 1973. (Arquivo digitalizado cedido pela professora Doutora Sueli Maria Coelho na disciplina de graduação Análise de fenômenos da gramaticalização no segundo semestre de 2011).

ROSA, Guimarães. *Sarapalha*. In: Sagarana, p. 86-99. Rio de Janeiro: Universal, 1946.